

Circuito Fechado: luta armada e ditadura civil-militar brasileira (1964-1988)¹

Caroline Alves Tardioli²
Gabriela Freire Valente³
Graziella Carolina Severi⁴
Juliana Narimatsu Lumi⁵
Marcio da Silva dos Anjos⁶
André Cioli T. Santoro⁷

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho reporta as relações de força existentes durante a última ditadura brasileira (1964-1988), no contexto da resistência armada. Ele resgatou e reproduziu, por meio de vídeo-documentário, as memórias de seis ex-militantes, de pertencimento a organizações e a graus hierárquicos diversos, com a intenção de discutir, em suma, os seguintes aspectos: fontes e ideologias/valores que a fundamentam, estrutura dos grupos armados, fracasso político e, por fim, continuidade, tanto das ideias socialistas, quanto das estruturas objetivas da repressão na atualidade brasileira

PALAVRAS-CHAVE: documentário; ditadura; resistência; guerrilha; socialismo;

1. Introdução

Este trabalho trata do movimento de resistência armada ao regime autocrático existente no Brasil na segunda metade do século XX. Focando-se no resgate de memórias de seis ex-militantes de antigas organizações armadas, teve como produto um vídeodocumentário em que são explicitadas as particularidades políticas e sociais desse tipo de ação política.

A gênese da luta armada remonta, basicamente, a três fatores, correlacionados: de um lado, ao fechamento das vias políticas legitimadas, operado pelo grupo civil-militar então no poder. Com o golpe de 1964, sindicatos, parlamento, associações civis, bem como

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria: Jornalismo, Modalidade: Produção em jornalismo informativo.

² Bacharel em Comunicação Social – Hab.: Jornalismo, email: tardioli.carol@gmail.com.

³ Bacharel em Comunicação Social – Hab.: Jornalismo, email: gfv2@msn.com.

⁴ Aluna líder do grupo e Bacharel em Comunicação Social – Hab.: Jornalismo, email: graziella.severi@gmail.com.

⁵ Bacharel em Comunicação Social – Hab.: Jornalismo, email: ju.lumi@hotmail.com.

⁶ Bacharel em Comunicação Social – Hab.: Jornalismo, email: marciodosanjos@ymail.com

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: andresantoro@mackenzie.com.br.

quaisquer outras formas mediadas (não-diretas) de confronto de forças foram esvaziadas, isto é, tiveram sua autonomia cerceada. As disposições tornaram-se, então, completamente tuteladas e, quando, contrárias ao regime, eram fisicamente reprimidas. Passa-se, então, a valer a utilização de meios extra-políticos, por assim dizer.

De outro, a luta armada liga-se ao florescimento, no mundo, de diversos movimentos revolucionários de esquerda (na Argélia, na China, em Cuba etc.), cujos meios fugiam às regras políticas dominantes, vale dizer, burguesas, assim como às táticas definidas pelo socialismo soviético (por exemplo, avanços sociais graduais frente à rupturas causadas pela revolução, aliança com a burguesia etc.). A onda socialista crescia no mundo, o Brasil tornando-se, por todas as suas condições geopolítica, um espaço estratégico para os movimentos de esquerda radicais. Daí que, "reproduzindo-se no Brasil - uma Cuba continental -, seria impossível deter o terremoto revolucionário" (MIR, 1994, p.21).

A esses dois fatores, soma-se ainda um terceiro: o tradicional Partido Comunista Brasileiro (PCB), então liderado por Luís Carlos Prestes, e refém do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), valorizava antes a participação no difícil jogo político (mesmo em meio a uma ditadura) por meio de reformas, de avanços graduais e de alianças com setores nacionalistas da burguesia.

Em conjunto, esses três fatores atuaram decisivamente na formação e na catálise dos diversos grupos armados (VPR, ALN, MR-8, Ala Vermelha, MRT etc.), que crescem como movimento político autônomos, isto é, desvinculados da forma-partido de organização. Para os grupos armados

prevaleceu a ideia de que as classes e elites dominantes constituíam um bloco monolítico. Daí, em consequência, viria a negação de uma política de aliança e o desprezo pela luta institucional. Estavam dadas as premissas para as propostas de um enfrentamento aberto, de luta armada pela derrubada do regime (Reis Filho, 1990, p.61)

Dessarte, mais do que tudo, é a valorização do fazer-revolucionário que aqui se manifestou: expropriações (dinheiro, carros, armamentos etc.), sequestro de figuras importantes da política, tomada do poder. Tarefas que figuravam como "obrigação de todo revolucionário" (MARIGHELLA, 1969, p. 01), ou seja, que tinham o estatuto prescritivo.

Por isso, visualiza-se que o regime autocrático brasileiro não se configurou numa realidade única, na leitura das diversas frações das militâncias de esquerda. Por consequência, a tomada de posições que tais leituras implicaram se deram de modo consideravelmente diferenciado: o PCB se distanciando de qualquer enfrentamento direto; as organizações armadas buscando o enfrentamento direto e proclamando, cada uma ao seu modo, diversos métodos guerrilheiros.

2. Objetivos

Foi nesse ponto que o nosso trabalho apoiou-se especificamente. Objetivamos, por meio de vídeodocumentário, abordar o movimento de resistência armada enquanto vinculado a uma dada leitura, a um dado escopo de valores, resultando num conjunto de práticas conformes a essa leitura e a esses valores. Assim, nossa intenção foi recuperar memórias de quem participou da resistência à repressão, captando-a em suas diversidades e em seus contrastes e, dessa maneira, apreendendo o horizonte de diferenças de opiniões e de ações que uma mesma realidade social objetiva pode produzir.

Apesar de discutirmos as estratégias e abordagens das organizações armadas (validade, acertos etc.), preferimos, em outra abordagem, centrar-nos nas diversas leituras que os ex-militantes, sempre influenciados pelo tempo presente em que vivem, fazem do período. Desse modo, foram dois os nossos eixos: 1) o que trata do movimento em seu aspecto historiográfico (gênese, estrutura, relação intergrupos etc.); 2) o que entende esse fenômeno naquilo que ele tem de atual, isto é, de um passado que se perpetua no presente, garantindo, assim, sua existência para além da contingência temporal. Onde os personagens não se limitarem somente a recordar o passado, mas também nos apontaram quais os reflexos mais notáveis da luta armada nos dias atuais – no campo político, na luta pelos direitos humanos etc. Assim, valendo-nos de depoimentos dos ex-militantes, colocamos em discussão os seguintes aspectos da luta armada brasileira:

- 1) Quais foram as origens político-sociais, motivações teóricas e escolhas táticas das organizações político-militares?
- 2) Como se articulavam, internamente, as organizações? Qual era a dinâmica de funcionamento delas? Como se estruturavam? Quais os porquês dos 'rachas', divisões e sectarismos que aconteceram dentro das organizações?

- 3) Quais foram as principais ações (aqui, apenas descrições subjetivas dos personagens entrevistados)?
- 4) Que juízo pode-se fazer dos movimentos armados quanto ao seu êxito político?
- 5) Porque esse movimento político não conquistou aquilo que, para ele, paradoxalmente, era tão próximo e tão distante: a hegemonia popular?
- 6) De todo aquele radicalismo, das utopias, das ideologias o que sobrou, o que se mantém?

Com essas questões, visamos problematizar a guerrilha sem representá-la a partir de um romantismo heróico. Menos ainda tratamos de fazer da memória política o simples relato de ações vivenciadas. Procuramos, antes, fazer com que os personagens não só recordassem, mas também analisassem o conteúdo lembrado. Em suma, a partir do que eles vivem hoje, colocar sob o olhar crítico todas aquelas referências ideológicas e práticas outrora assumidas dogmaticamente.

3. Justificativa

A justificativa deste projeto, antes de tudo, está no próprio acontecimento das ditaduras latino-americanas, que foram uma experiência limite, uma reviravolta. Diante dos fatos sobre os sistemas totalitários na América Latina simplesmente tornou-se impossível não falar a respeito, não dar testemunhos (SARLO, 2007, p.34). A proliferação de relatos/auto-relatos tornou-se um imperativo, a ponto de se tornar um dos fatores para o que Beatriz Sarlo chama de *guinada subjetiva*, isto é, um retorno do sujeito – até então apagado pela ‘moda’ do estruturalismo – como protagonista nos diversos discursos sociais (literatura, sociologia, cinema, etc.). Em consonância a esse retorno da subjetividade, Sarlo (idem, p.20) afirma que a “memória [hoje] é o dever (...) na maioria dos países da América Latina”. Portanto, a necessidade do discurso sobre o passado em relação aos governos totalitários foi a inicial de nossas razões. Além disso, nosso documentário restringiu-se à ditadura militar brasileira por outras quatro razões:

- 1) A atualidade das discussões sobre a memória da ditadura. Os países latino-americanos estão ‘presentificando’ o passado, fato que é visível quando se observa questões como a liberação oficial dos arquivos ainda existentes, a condenação de civis e militares

ligados ao aparelho de repressão, a proliferação de livros, de novelas, de filmes. Particularmente no Brasil, vemos também um trabalho crescente em torno da reconstrução da memória política brasileira de um período cujo acesso é ainda trabalhoso e, portanto, cheio de obstáculos. Ainda assim, em diversos campos culturais, a rememoração sobre a ditadura brasileira é cada vez mais recorrente. Em seu âmbito político, para citar apenas um de muitos exemplos, ela ganha espaço com a discussão em torno da Comissão da Verdade, cujo projeto de lei (PLC 88/201), foi sancionado pela atual presidente Dilma Rousseff em novembro de 2011. Em face disso, intencionamos ser esse trabalho uma contribuição crítica para o debate que hoje há em torno das violações dos direitos humanos no Brasil, assim como em torno do resgate histórico-memorial do período ditatorial;

2) A escassez de arquivos sobre a ditadura no Brasil. Quando tornaram inacessíveis (sigilosos) os arquivos sobre si, as ditaduras produziram, ademais, o seu próprio esquecimento. Por isso, todo o trabalho de resgate ainda se resume à oralidade como método (depoimentos, autobiografias, memórias, etc.), buscando o nosso trabalho compensar, dentro de nossos limites, a referida escassez.

3) A discussão política em torno do papel de liderança desempenhado pelas organizações de esquerda, ou seja, de como elas assumiram-se enquanto portadoras de uma consciência operária. Questão de importância fundamental quando se trata de analisar como se deu, no Brasil, a relação entre agrupamentos políticos organizados (partido, organizações, uniões) e sociedade;

4) A permanência ou colapso daquele marxismo na atualidade brasileira, com o intuito de questionarmos todo o debate acerca da dita ‘crise do marxismo’ pós-1989, isto é, daqueles valores políticos que, sem dúvida, fizeram parte do século XX, e que hoje são questionados em sua validade teórica e prática.

4. Métodos e Técnicas Utilizadas

Com o tema em mãos, tentamos buscar um enquadramento pouco explorado em um assunto tão conhecido. Decidimos, então, não trabalhar tanto com o lado passivo da ditadura – que obviamente existiu e que muitos outros trabalhos já representaram a contento – apresentando, ao contrário, toda a atividade de resistência a ela. Nessa perspectiva,

exploramos quatro eixos fundamentais que, além de servirem como base para as nossas entrevistas, contribuíram para a construção narrativa da peça. São eles:

- 1) A razão da luta armada: a partir da análise da situação política da época, buscamos compreender os fundamentos sociais e ideológicos que motivaram a resistência armada.
- 2) As organizações: como era a estrutura ou funcionamento dos grupos resistentes e como os guerrilheiros viam-se diante deles.
- 3) As principais ações: buscamos explicitar as maneiras pelas quais a resistência se dava, ou seja, quais foram as principais realizações dos personagens escolhidos e como elas se deram.
- 4) O que sobrou da atividade de resistência da luta armada: procuramos uma reflexão dos depoentes sobre o que permanece atualmente, tanto dos ideais das organizações de esquerda, quanto das formas repressivas do Estado.

Após desenvolver esses eixos, procuramos trabalhá-los artisticamente, enquadrando-o num projeto de construção estilística que valorizasse uma ótica poética, no simples sentido de ênfase na *maneira* de dizer e no sentido de controle consciente dos recursos de expressão (elementos gráficos, áudio etc.) com vista a atingir determinados *efeitos de sentido*. Pois, visto que a subjetividade é bem vinda no gênero documental (NICHOLS, 2005, p.76), pudemos ater-nos com mais proximidade no aspecto composicional do trabalho, na sua forma, sem relegar seu conteúdo a um segundo plano.

O modo de construção baseado no Jornalismo Literário nos auxiliou nesse sentido. Por meio dele entrou em cena elementos tais como a descrição, a narração, os pontos de vistas alternativos que dão, no caso da reportagem, uma “dimensão estética” (WOLFE, 2000, p.21), as fontes convertendo-se em personagens, e os espaços e tempos descritos, em cena narrativa. Além disso, a utilização de procedimentos do estilo jornalístico de perfil também nos foi útil, pois que possibilitaram, ao mesmo tempo em que se trata de uma discussão histórica, por à-tona e visualizar características, individualidades, modos de ser resultantes da subjetividade dos sujeitos-personagens relatados.

Essa visão também foi trabalhada ao longo da edição do vídeo, utilizando, assim, alguns procedimentos estéticos. Optamos, inicialmente, que as entrevistas fossem realizadas em um fundo todo branco: 1) por estabelecer um padrão, colocando todos os personagens no mesmo nível e mostrando que, aparentemente, estão no mesmo ambiente, como se fosse uma roda de conversa; 2) como uma tentativa estética, o fundo branco aparentemente proporciona a ideia de que o entrevistado está imerso em sua memória, ou seja, estão sendo destrinchadas as lembranças de um passado retornando ao presente; 3) pois que o fundo uniforme contribui para que se preste a atenção tão-somente no depoimento, ou melhor, na memória do personagem.

Ainda em termos visuais, não querendo se limitar a apenas um ângulo de captação, decidimos trabalhar com duas câmeras. Assim, enquanto uma captava o personagem em plano médio, a outra registrava elementos em *closet*, tais como rosto, detalhes do corpo, gesticulações, imagens que serviram de apoio e que contribuíram para a dinamização do vídeo.

Fugindo do estilo jornalístico-informativo, gravamos passagens que, aparentemente, não possuem ligação direta com o nosso tema – aniversário de Pedro Lobo ou o encontro em Bauru com Darcy Rodrigues etc. Não são imagens informativas, que esclarecem questões sobre a luta armada. Porém, são elas que dão o toque ao vídeo e revelam a personalidade dos guerrilheiros e seu modo de vida pós-ditadura e, por isso, tornam-se artisticamente necessárias.

Para ilustrar os depoimentos e dar veracidade a eles, utilizamos dois tipos de imagens de apoio. Um representa os acontecimentos do ‘passado distante’, do período da ditadura. O outro, está ligado aos momentos recentes, ou seja, a luta incessante dos militantes e de seus companheiros contra as ‘sobras’ do período repressivo. Assim é que imagens de palestras, de manifestações e similares foram intercaladas aos depoimentos, garantindo a coerência narrativa do documentário.

Para esse mesmo fim – o da coerência – utilizamos o recurso de *off*, como também o de pequenas legendas explicativas e contextualizadoras. Utilizamos também GCs com os antigos nomes de guerra dos personagens com a intenção de garantir um efeito de sentido de ‘presença’ do próprio militante armado no discurso do personagem que fala.

5. Descrição do Produto ou Processo

Feita a pesquisa em fontes secundárias (livros, filmes etc.), fomos à procura dos nossos personagens, que foi facilitada pelo fato de o tema ser constante pauta em fóruns, debates e palestras. Ao todo, obtivemos 16 depoimentos. Seis deles foram escolhidos, seja por questões técnicas, seja por questões de performance (gesticulação, olhar etc.), seja ainda por questões históricas, como o papel que desempenharam, as organizações que pertenceram e o conteúdo dos depoimentos. São eles:

- Ivan Seixas – filho de Joaquim Alencar de Seixas, Ivan militou junto do pai no Movimento Revolucionário de Tiradentes (MRT). Participou de ações como expropriação de carros, bancos e sequestros. Hoje, atua em torno da preservação da memória sobre a ditadura através da organização não-governamental Núcleo Memória.
- Arthur Scavone – físico, jornalista e hoje estudante de filosofia. Integrou ao movimento estudantil da USP nos anos 60. Um tempo depois ingressou na Ação Libertadora Nacional (ALN), organização dentro do qual foi treinado para manusear armas.
- Rose Nogueira – integrante da ALN, fazia parte do setor logístico. Não realizou ações, mas ajudava na procura dos “aparelhos” (local para os militantes se alocares) e contactava os líderes. Atualmente, preside a organização não-governamental Tortura Nunca Mais.
- Pedro Lobo – de origem militar, Lobo atuou dentro da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) em expropriações, sequestros e importantes execuções.
- Darcy Rodrigues – conhecido como ‘braço direito’ de Carlos Lamarca, comandante da VPR. Atuou em e comandou ações de grande repercussão, como o roubo do cofre de Ana Capriglione.
- Ladislau Dowbor – suíço, radicado no Brasil, Dowbor estudou Economia na Europa e foi fundamental para a orientação estratégica da VPR. Atualmente, Ladislau é professor da Pontifícia Universidade Católica.

A edição levou cerca de um mês, durante o qual selecionamos as falas que, por sua força de sentido em relação ao tema tratado, entrariam na peça. Daí encadeamos os depoimentos dos seis personagens de modo a dinamizar o desenvolver do vídeo e evitar a sua monotonia.

É necessário destacar, também, um aspecto ‘semântico’ do trabalho, por meio do qual a edição se guiou, a saber, a utilização da ideia de circularidade, inscrita no próprio título do audiovisual e que nos guiou em todo o projeto editorial do vídeo (áudio, vídeo etc.).

Opondo-se a ideia de linearidade, essa escolha ‘conceitual’ foi antes a adoção de uma perspectiva histórica remetendo a um processo e a um devir que se faz e se refaz continuamente. Em outras palavras, remetendo a uma *maneira* de olhar as relações de forças – entre Estado-movimentos sociais, entre grupos/classes sociais, capital-trabalho etc. –, que ressalta não só as condições concretas de sua produção (sua especificidade histórica), mas, sobretudo, as condições de sua re-produção e manutenção para-além de um momento histórico específico. Ressalta, portanto, sua tran-historicidade, em certo sentido.

Daí que a construção do documentário pautou-se pela da permanência, na atualidade, das práticas e das estruturas repressivas daquela época. Dada a relação polêmica entre violência e contra-violência, tortura e contra-tortura, que encontramos no período ditatorial, afirmamos que tais relações são ainda reais, que se manifestam no contexto pós-ditadura, a despeito de todo um contexto diverso, contra isso, existindo, também, determinada atuação dos personagens. Portanto, longe de uma reconstrução histórica linear, na qual o conteúdo histórico do período se torna ‘distante’ e apenas acessível como algo exterior, afirmamos que as relações engendradas na ditadura são atuais. A isso remetemos à ideia de um circuito fechado, símbolo que buscou explicitar essas relações reproduzindo-se à revelia do tempo, e não apenas num marco histórico determinado.

Esse é um viés que pretende, implicitamente, questionar o real, dado que a própria representação do fim da ditadura nos é dada como sendo este período um passado distante, alheio ao nosso contexto atual. Isto é, como se a repressão não mais existisse. Daí que a construção narrativa pretendeu indicar que os mecanismos que fizeram parte da repressão persistem e, portanto, que é circular a relação de forças na sociedade. Daí se obtém uma interpretação do passado que ressalta a marca deste no presente, bem como a relação necessária que ambas as categorias temporais mantêm entre si (BERGSON, 1989, p.31).

6. Considerações

Entre outras coisas, esse trabalho teve um fim específico no que diz respeito à memória, sobre a qual é fundamental reter a inversão que se fez hoje de todo o discurso das organizações. A maioria delas queria a revolução. Guiavam-se, prática e discursivamente, a partir dela. Ao contrário, hoje, em tempos de Estado de Direito, prevalece a rememoração segundo a qual as organizações buscavam a democracia. Apesar de não ser um termo presente em seus discursos, toda lembrança atual se dá em torno dele. Algo que, segundo

Reis Filho, em entrevista para o grupo, assinala uma espécie de ‘mecanismo de defesa’, funcionando para adaptá-los ao contexto político atual. Assim, a ideia de revolução, remetendo aos ‘socialismos realmente existentes’, ao marxismo, foi socialmente descartada. As organizações teriam lutado pela democracia, não pela modificação radical das estruturas. Essa leitura se reflete nos entrevistados, quando propõem ser o dever da esquerda atual aprofundar a democracia, radicalizá-la. Programa político à época ditatorial criticado, quando utilizado pelo PCB.

Do ponto de vista histórico, este trabalho pôde por em questão algumas críticas feitas às organizações (REIS FILHO, 1990; MIR, 1994 et al), que, de modo geral, ressaltam os seguintes pontos: a) a organização dogmática da luta armada; b) o não-diálogo entre organizações-povo; c) a adoção de técnicas válidas para contextos específicos (foquismo etc.); d) a visão estreita de política; e) o ‘abuso’ interpretativo que foi feito em nome de Marx e do marxismo. Enquanto pode levantar questões a partir desses pontos, o trabalho foi útil. Contribuiu para a desesterotipagem do tema, retirando o conteúdo mágico e romântico que se plantou em relação à luta armada e, por conseguinte, possibilitou conhecê-la em seu contexto e em seu valor relativos.

7. Referências

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

MARIGHELLA, Carlos. *Minimanual do guerrilheiro urbano*. Mieografado em 1970. Disponível em: < <http://www.marxists.org/portugues/marighella/1969/manual/index.htm>>. Acesso em: 02 abr. 2012.

MIR, Luís. *A revolução impossível*: a esquerda e a luta armada no Brasil. São Paulo: Círculo do Livros, 1994.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.

WOLFE, Tom. *El nuevo periodismo*. 8 ed. Barcelona: Anagrama, 2000.